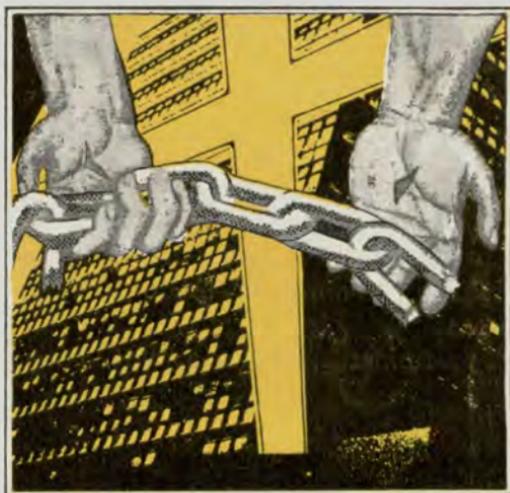


# SALVAÇÃO HOJE



CEI  
SUPLEMENTO - 3

## PRECE DE BANGCOQUE

Pelas pessoas exploradas,  
negligenciadas pelos sistemas, viciadas pelas ideologias,  
prisioneiras entre máquinas, esmagadas pela solidão,  
endurecidas em suas convicções, surdas e surpresas,  
cegas para com o sofrimento, aleijadas pela falta de liberdade,  
oramos:

Das profundezas clamamos a ti, ó Deus!

Pela Igreja de Cristo na terra,  
confusa acerca de sua mensagem, incerta acerca do seu papel,  
dividida de muitas formas, polarizada entre diferentes interpretações,  
sem imaginação para proclamar, sem disciplina na sua comunidade,  
oramos:

Das profundezas clamamos a ti, ó Deus!

Por nós, nesta Conferência,  
condicionados por nossas impressões, dilacerados pelo preconceito,  
freqüentemente em dúvida, perseguidos por frustrações,  
em busca ardente da honestidade, de compreensão mútua,  
clamando por amor, buscando justiça,  
oramos:

Das profundezas, clamamos a ti, ó Deus!

**E**STA oração intercessória foi o centro, ou a constante de Bangcoque. Cerca de quatrocentos cristãos do mundo moderno se encontraram para confrontar as experiências de fé sobre o significado da salvação para os dias de hoje.

E a oração que eles repetiram condensou perplexidades e anseios que, durante mais de um ano, noutras latitudes, tinham sido recolhidas e meditadas.

Este SUPLEMENTO-3 leva-lhe, leitor, um pouco daquilo que alguns disseram, estudaram, viram ali. A nossa TEMPO & PRESENÇA está pretendendo imprimir livro que reúna tudo sobre Bangcoque.

Por enquanto alinhamos M. M. Thomas (... Uma declaração pessoal) com uma perspectiva inatressantíssima do salmo 144.

Outro salmo, o 30 é assunto de um excelente estudo de Christoph Barth.

Oferecemos ainda dois documentos. "Salvação e Justiça Social" de um dos grupos de estudo da Conferência. Documento produzido lá na dinâmica do trabalho. O segundo é uma "Carta às Igrejas sobre Salvação Hoje", documento espontâneo e claro produzido após Bangcoque.

Dois companheiros nossos estiveram na Tailândia, participaram ativamente dos trabalhos daquele encontro. Publicamos deles duas visões muito interessantes.

As "Notas não-objetivas" de Rubem Alves são uma visão das entrelinhas de Bangcoque. Espírito agudo simultaneamente sintético e analítico.

Glênio Vergara dos Santos (Faculdade de Teologia Episcopal de São Paulo) dá-nos uma

visão de conjunto bastante jornalística enquanto que formal e perspectiva. **1**

As indicações vivas são do J. Ricardo, todas menos uma. E ainda somos Suplemento cobrindo matéria não muito suplementar. Tempo & Presença é a Editora que o produz e o CEI possibilita às mãos e olhos de tantos conhecerem o que já oferecemos e pretendemos continuar.

Evangelização é o próximo tema.

\* \* \*

Já pronto este editorial, a expressão "prisioneiras entre máquinas" e o vocábulo "esmagadas" da Oração de Bangcoque reavivaram no editorialista um significado angustiante.

Fernando Pessoa, o espantoso e pluripessoal poeta luso, em "Aniversário", poema-angústia, sugere que somos em parte o resultado da soma a nós de nossos mortos. De fato, aglutinam-se alguns deles ao que somos e fazemos. É por isso que "prisioneiras-entre-máquinas" e "esmagadas" daquela prece revivem a imagem, esculpida no vento, no tempo e na eternidade do nosso Breno Schumann, sua Mariane e um amigo, presos às ferragens de um automóvel, esmagados na curva solitária de uma estrada de Minas.

Quem dera pudéssemos arrancá-los dali, e exhibi-los ainda, com o Breno a participar dinâmico, a interromper agudo, a aprofundar perspicaz (Mariane sorrindo inteligente) o conteúdo de nosso bate-papo, de nossa reflexão, de nosso anseio fraterno. Quem dera!... Estranho este significado de salvação!

Agora, porém, o amargo das lágrimas, um vazio que é lembrança...

Num dos próximos números, quem sabe, falaremos de ressurreição.



**estudos**

A MISSÃO DA

IGREJA

NUMA ERA APOCALÍPTICA

(Notas não-objetivas sobre a  
Conferência de Bangcoque)

Rubem A. Alves

Sou incapaz de escrever relatórios. Por quê? É muito simples. Emocionalmente, não posso ver as coisas com objetividade. Por conseguinte é inteiramente impossível para mim simplesmente recontar o que ocorreu. Concordo com Paul Goodman, que “para melhor e pior, o que escrevo é tingido pelo preconceito do resto da minha experiência”. O poeta Vinicius de Moraes diz que “ninguém pode ser universal fora do seu quintal”. Concordo. Por isso não tenho a pretensão de escrever uma síntese do que ocorreu em Bangcoque. Quero simplesmente contar-lhes, dentro do meu quintal muito limitado e provinciano, como é que todos os pedaços variados e muitas vezes contraditórios da experiência ficaram integrados numa só peça que faz sentido para mim.

**A salvação é possível sem o poder?**

Bangcoque resolveu encarar com franqueza a sugestão bíblica de que a salvação é uma

questão de poder. É verdade que estávamos imensamente divididos na interpretação do significado disso. Mas todos concordamos em que a história da salvação é a história do uso que Deus fez do poder para completar indivíduos e comunidades, a natureza e o cosmos inteiro. O poder salva. O Êxodo foi um evento político. Deus, pelo seu poder, libertou um bando de escravos. Por esse ato ele “depôs dos tronos os poderosos, e elevou os humildes” (Lucas 1.52). Abrindo um novo horizonte ao Povo de Israel, prometendo-lhes um novo espaço e um novo tempo, o poder de Deus tornou possível o nascimento de uma nova consciência — livre de preocupações, livre de ansiedade, livre para a vida e morte, e, como consequência, livre para o amor — a consciência da fé. Quando, no Novo Testamento, João envia seus discípulos a Jesus, perguntando se ele seria aquele que haveria de vir, (Jesus curou a muitos de moléstias e flagelos e de espíritos malignos; e deu vista a muitos cegos),

Jesus lhes respondeu: "Ide, e anunciai a João o que vistes e ouvistes: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres anuncia-se-lhes o evangelho." (Lucas 7.18-23) **O sinal da presença do Reino é a atualidade do poder de Deus.**

A salvação, por conseguinte, é um evento que ocorre quando o poder de Deus penetra tanto as **estruturas objetivas** da criação — políticas, econômicas, culturais — quanto a intimidade do **coração humano**.

Se este foi um dos polos que governou a discussão do tema "Salvação Hoje", houve, por outro lado, a consciência trágica de que o poder que oprime, e o poder que gera o sofrimento, é o poder que mata: com um pouco de imaginação poder-se-ia ouvir o bombardeio no Vietnã, a algumas leguas donde nos encontrávamos na segurança da Tailândia. A ironia do poder não é que ele destrói quando usado conscientemente para a finalidade destrutiva, mas sim que, quase sempre, na história, a maior das intenções do homem produz os resultados mais desumanos. Parece que o poder tem um efeito corruptor a tal ponto que — o que parecia ser, no início, o poder de Cristo — no fim se revela demoníaco. A Igreja, por exemplo, tem sido o triste palco dessa tragédia.

Este fato explica o desespero que tem caracterizado a discussão teológica deste assunto. O poder não é essencialmente mau? O poder de Deus não é fundamentalmente impotente?

No fundo o seu poder não é fraqueza? O Evangelho não é um repúdio a todas as formas de poder? Cristãos têm feito estas perguntas através dos séculos, e tais perguntas foram também ouvidas na conferência sempre que ela lutava com a sugestão bíblica de que não há salvação sem poder.

Como pode o homem ficar livre do poder que mata? Como podem as pessoas ser convertidas ao poder que liberta e dá vida e como unir-se a este mesmo poder? É fácil responder a tais questionamentos através de "declarações" ou "manifestos". Talvez este tenha sido um dos pecados mais persistentes da Igreja: o de supor que, uma vez que a "declaração" certa tenha sido escrita e aprovada, a realidade está criada! Tenho a impressão de que somos mágicos que crêem no "ex opere operato" das palavras... **Biblicamente, porém, o problema é descobrir onde é que o poder está se tornando carne.** Se a pergunta é esta, somos forçados a formular nossa busca de maneira diferente: **Qual é a forma que o poder de Deus toma no mundo de**

**Quando o poder de Deus penetra as estruturas objetivas e a intimidade do coração humano, há salvação.**

**hoje? Quais as suas marcas (eis a velha pergunta sobre as marcas da Igreja!)? Quais as comunidades em que este poder está assumindo forma social e onde se transformou em vida?**

Nesta altura permita-me o leitor que eu faça um parêntese, uma observação pessoal. Nos anos passados do movimento ecumênico, tínhamos a presunção de que sabíamos onde estava a igreja ou igrejas. O problema era “reformá-las” ou “renová-las”. Ao fazermos tais questionamentos, porém, devemos estar prontos a aceitar a hipótese de que a comunidade do Espírito — a comunidade onde o poder de Deus se tornou carne — não esteja dentro dos limites institucionais que antes aceitávamos como ponto pacífico. O Espírito, na sua liberdade, talvez tenha se mudado para outros rincões. Uma pitada da eclesiologia dos Radicais do século XVI e dos Pentecostais de hoje poderia ajudarnos a nos prepararmos para ficar surpresos com os movimentos do Espírito. Onde é que o poder de Deus está tomando forma social hoje? Ou, em outras palavras: Onde está a Igreja? Se soubéssemos onde a Igreja está, então a tarefa seria muito simples: construí-la, reformá-la, aumentar o número

**A ironia do poder não é porque destrói quando usado para destruir, mas porque, quase sempre as melhores intenções do homem produzem os resultados mais desumanos.**

de seus membros... Mas se não sabemos, então não seria a tarefa missionária básica a de descobrir onde ela está?

### **O Poder das Nações Colonizadoras Ocidentais e a Empresa Missionária.**

Uma das fontes de inspiração e entusiasmo do movimento missionário foi a identificação do Poder de Deus com o Poder Ocidental. É significativo que John R. Mott tenha escrito no seu diário que ele gostaria de que as igrejas adotassem a doutrina Monroe como roteiro para o trabalho missionário na América Latina. Tal fato não nos deve surpreender, porquanto o Ocidente sempre considerou a sua civilização como a expressão social e histórica da tradição hebraica e cristã. Esta é a razão por que, se argumentava, o Ofidente faz a história, eis que as culturas não-ocidentais não são históricas. Se isto é verdade, então a conversão a Cristo tinha que significar a abdicação da própria cultura e da sua peculiar maneira de viver. Para que uma nação pudesse tornar-se uma peça no movimento contínuo de Deus no mundo, a condição primeira seria a de pertencer à história ocidental. Mas como conseguir isto sem perder a identidade própria? Pois quando se abre mão da cultura própria e se é convertido a outra forma estranha e alienígena de viver, que se supõe seja superior ou mais santificada, a gente começa a achar que é normal ser governado e dominado. A gente até fica agradecido por isto.

Esta aceitação passiva de tal estado de coisas, porém, acabou. A conferência de Bangcoque esteve cheia tanto de ressentimentos quanto de raiva, por

parte daqueles que estavam sujeitos à dominação colonialista-missionária; e cheia também de sentimentos de culpa por aqueles que patrocinaram a invasão ocidental econômica, política e ideológica do Terceiro Mundo. De vez em quando se tinha a impressão de que isto se tornara uma espécie de complexo sado-masoquista através do qual os oprimidos e os opressores resolviam, por rituais lingüísticos, as duras realidades da relação patrão-peão que caracterizara seu passado mútuo. Parece que aqui está um ponto com o qual todos os participantes concordaram: **Só haverá possibilidade de salvação quando o ocidente deixar de dominar o Terceiro Mundo.** Não temos, porém nenhuma idéia clara sobre a maneira de atingirmos este alvo. Porquanto a história desconhece qualquer caso em que o opressor voluntariamente abriu mão do poder.

O pensamento social do movimento ecumênico durante os últimos vinte anos tem sido marcado por uma mudança radical na linguagem missionária tradicional. Seus temas principais eram "igrejas em rápidas transformações sociais", o impacto da tecnologia, o processo de urbanização, desenvolvimento, secularização e revolução. A tecnologia, segundo se argumentava, é a forma secularizada de Cristo no mundo de hoje. Por um lado ela promete criar um mundo de abundância. O fantasma do subdesenvolvimento e da fome não se constitui mais numa ameaça tão grande. Por outro lado, a tecnologia tem o

poder de entrar nas situações estáticas e não-históricas, destruindo padrões imemorais de organização social, forçando assim estas sociedades a entrarem na corrente da história. Através da secularização e da revolução, os ídolos culturais e políticos seriam destruídos, e o mundo então marcharia em direção a um novo futuro, vazio de absolutos e livre para a experimentação.

Esta linguagem fora dominada por um otimismo incontido, tão ao gosto da mente ocidental. Convenceram-nos de que estávamos no momento do Êxodo, e que a igreja poderia e deveria ser a ponta-de-lança das transformações cósmicas que estariam para vir. Ser cristão, ser convertido, era então identificado como estar ao lado deste novo futuro.

Em Bangcoque, porém, nós sentimos uma atitude radicalmente diferente. Otimismo? Não constatei. A conferência foi caracterizada pelo refrão "Das profundezas eu clamo a ti, Senhor!", que foi repetido em quase todas as ocasiões litúrgicas. No pano de fundo, como uma espécie de "inconsciência coletiva", havia as palavras do Salmo 22.

O que aconteceu com as promessas dos últimos vinte anos?

**Parece que o poder tem efeito corruptor a tal ponto que — o que parecia ser no início o poder de Cristo — no fim se revela demoníaco.**

Somente agora começamos a perceber que algo não funcionou bem. As rápidas transformações sociais destruíram a medula da cultura e, juntamente com ela, o senso de identidade pessoal e de destino comum dos povos não-ocidentais. A urbanização, filha da industrialização, gerou o inferno da cidade. A tecnologia ameaça nosso mundo com uma catástrofe ecológica e já colocou nas mãos dos poderosos novos e diabólicos meios de destruição. É verdade que a secularização destruiu muitos dos nossos ídolos religiosos. Mas nada fez para expulsar nossos demônios políticos. O povo, por outro lado, não está tão otimista sobre a possibilidade de revolução quanto estava antes. Parece existir um determinismo de ferro que força golpes da direita e revoluções da esquerda a seguirem o mesmo caminho: a economia precisa ser racionalizada; a vida nacional precisa ser organizada; as pessoas precisam ser transformadas em peças do sistema (senão elas atrapalhariam o funcionamento tranqüilo do processo); e a oposição precisa ser reprimida. É por isso que alguns suspeitam que o desenvolvimento econômico não pode ser alcançado sem repressão. Estamos diante da terrível possibilidade, por

consequente, de que, **para engordarmos será preciso quebrar nossas asas.** O homem não vive sem pão. Mas ele não vive com pão somente. Tudo indica que estamos numa situação ambivalente.

Foi no contexto desta discussão que se levantou a hipótese de que a fé hoje, ao contrário do que se declarou no passado, requer uma **resistência radical ao futuro** que os futurólogos estão apregoando. Não por ser o futuro um mal em si, mas porque este futuro específico não é a dádiva de Deus mas sim uma tentação do Diabo.

### Missão numa Era Apocalíptica

Sentimo-nos em grande parte paralisados. Sabemos que algo precisa ser feito. Mas **como? O quê?** É necessário que se tenha poder para mudar a situação. Mas somos impotentes. A nossa impotência nunca ficou tão clara quanto nos momentos em que discutíamos o Vietnam. Esta é a contradição que caracteriza a situação apocalíptica. A gente vê a aparente onipotência das forças do mal. A gente procura sinais de uma liberação que se aproxima. Mas não se encontra nada. O otimismo é impossível. As alternativas que temos são as de unir-nos às forças dominantes e assim engordarmos com as panelas de carne do Egito (Êxodo 16.3), ou então ficarmos loucos.

Mas estas são apenas as possibilidades realistas — as que são derivadas da análise objetiva da situação. Fé, no entanto, significa esperar o inesperado, estar pronto para ser surpreendido, esperar quando a esperança é impossível. Fé deriva

da percepção de que a história não é um sistema fechado e de que é invadida por poderes que a fazem abrir-se quando tudo prenuncia o seu fim.

Esta é a forma, segundo me parece, do problema da salvação hoje. Tanto na domesticação quanto na loucura, a humanidade está perdida. Uma das razões: porque ela crê que a esperança não é mais necessária. Outra: porque ela chegou à conclusão de que a esperança não é mais possível. A possibilidade de salvação é a possibilidade de uma vida em comum onde se possa ter esperança numa situação desesperançosa. De acordo com a Bíblia é possível permanecer livre e humano mesmo no cativeiro (Jeremias 29). Como alguém falou: "No passado tínhamos a certeza de que a Igreja era a vanguarda de um movimento que transfiguraria o mundo em nosso tempo. Já não cremos nisso. A nova pergunta é: como pode a Igreja, na sua impotência, ser uma comunidade de apoio e de reconciliação — a igreja servidora — que preservará humana a vida humana, até que venha o tempo certo." É evidente que a salvação, pelo menos em nosso tempo, não pode ser sinônimo de felicidade. Se a gente tem olhos para ver, a gente não pode ser feliz. A felicidade é possível somente pela antecipação — como resultado daquela experiência em comum que nos reafirma que os valores do amor, do perdão, da misericórdia e da liber-

dade não estão perdidos. E à medida que estes valores forem se concretizando em comunidades de fato, então nós poderemos ter a certeza de que o Espírito ainda opera.

A conferência foi marcada pelo doloroso reconhecimento do "sentido trágico da vida". Não houve motivos para otimismo ou triunfalismo. Talvez tenha sido esta a razão porque a conferência foi tão profundamente humana. Quando se clama "das profundezas" se descobre, como em qualquer outra situação, que se pertencem uns aos outros. Não houve nenhum esforço de chegar-se a um consenso de opinião em qualquer assunto. Porquanto sentimos que o consenso seria supérfluo. Houve um sentido de unidade — não o resultado de um acordo geral sobre fórmulas teológicas — mas antes como expressão de uma situação comum a todos, a qual nos compeliu a orar as mesmas orações. Talvez isso pudesse nos sugerir algo sobre a unidade que temos buscado, mas que ironicamente tem logrado escapar dos nossos melhores esforços.

**Em Bangcoque o refrão não-otimista foi: "Das profundezas clamo a ti, Senhor!" No contexto das discussões se acreditou que a fé requer uma resistência radical ao futuro dos futurólogos, não por ser um mal em si, mas porque não é dádiva de Deus e sim uma tentação do Diabo.**

# **Salvação hoje: uma declaração pessoal**



**M. M. Thomas**  
(Presidente do Comitê  
Central do Conselho Mundial  
de Igrejas)

Minha tarefa nesta manhã é bastante difícil. Antes de nos reunirmos aqui, já tínhamos uma grande quantidade de declarações pessoais e de grupo, que expressavam a busca e experiência de salvação, empreendida por novos numa grande variedade de situações: foi feita também a avaliação desses fatos, partindo-se de diferentes perspectivas. Estudamos o significado bíblico da salvação e obtivemos diversos resumos de conclusões, apresentados pelos subgrupos de cristãos em diferentes partes do mundo.

No meio de tanta coisa interessante, tenho perguntado a mim mesmo que espécie de contribuição eu poderia fazer para o atual debate, que não tenha consistido apenas na repetição de algumas idéias anteriormente examinadas. Depois de discutir com os planejadores do programa, decidi, portanto, falar do ponto de vista de minha própria situação: a situação hindu, mais especificamente, a situação do diretor de um Instituto Cristão, uma pessoa dedicada à explicação do Evangelho de Cristo dentro da situação hindu; resolvi igualmente, sistematizar o que penso sobre o significado da salvação do homem, oferecida por Jesus Cristo. Se minha tentativa não atingir os objetivos, ou os atingir apenas parcialmente, culpem a situação particularista ou minha perspectiva pessoal.

Em 1956, o Conselho Nacional Cristão da Índia e o Instituto Cristão para o Estudo da Sociedade empreenderam um Estudo sobre Rápidas Mudanças Sociais na Índia, cujo discurso inaugural foi proferido pelo Dr. John Mathai, ex-ministro das

Finanças do governo de Nehru e no momento diretor do Banco da Índia. Naquela ocasião, falou-nos sobre o novo padrão de uma sociedade desenvolvida e justa que a Índia estava tentando construir e concluiu dando sua visão de cristão sobre o futuro do país, relacionando-o com o quadro expresso na parte final do salmo 144. Afirmou:

“... em termos amplos e idealistas, levando-se em conta que o salmista vivia numa sociedade pastoril e de agricultura primitiva e nós numa sociedade predominantemente industrial — podemos dizer que há muito em comum entre o quadro pintado no Salmo 144 e a sociedade em que estamos tentando nos transformar:

**Que nossos filhos sejam, na sua mocidade, como plantas vivas e nossas filhas, como pedras angulares, lavradas como colunas de palácio;**  
**que transbordem os nossos celeiros, atulhados de toda sorte de provisões;**  
**que os nossos rebanhos produzam a milhares e a dezenas de milhares em nossos campos;**  
**que as nossas vacas andem pejadas, não lhes haja rotura, nem mau sucesso.**  
**Não haja gritos de lamento em nossas praças.**  
**Bem-aventurado o povo a quem assim sucede!**  
**Sim, bem-aventurado é o povo cujo Deus é o Senhor.**

Naquele momento o salmo 144 se tornou vivo para mim, pois expressava a situação de um povo em vias de desenvolvimento, como a Índia, e expressava as aspirações e expectativas do povo relacionadas com uma vida melhor e mais abundante. O dinamismo e a luta, a esperança e o desespero dentro da situação são fruto dessas aspirações, assim como a busca daquilo que o salmista chama de felicidade. Há quatro elementos incluídos nessa oração: primeiro; saúde física e beleza para a juventude; segundo: crescimento da abundância material; terceiro: segu-

rança contra a agressão, paz; quarto: justiça social.

### **Material e Espiritual**

O contexto dentro do qual falarei sobre salvação espiritual é a busca eterna da felicidade — povos buscando a realização mais ampla e plena das potencialidades de sua população, através do erguimento de uma nova sociedade que traga saúde, abundância, paz e justiça. É o que o salmista faz. Depois de pintar a sociedade de seus sonhos, ele diz: “Bem-aventurado o povo a quem assim sucede!

Sim, bem-aventurado é o povo cujo Deus é o Senhor!"

Precisamos saber se existe relação vital entre estas duas afirmações: a felicidade que se alcança através de uma nova sociedade mais justa, e a felicidade que se alcança através do reconhecimento do senhorio de Deus.

Tenho freqüentemente citado Nicolas Berdiaef quando diz que o problema do nosso próprio pão representa uma questão material, enquanto que o problema do pão do vizinho representa uma situação espiritual, acrescentando ainda que, assim, a economia é derrubada pela espiritualidade humana. É esta espiritualidade que fortalece todos os anseios por saúde, sexo, desenvolvimento e justiça. A questão é saber se esta é uma espiritualidade falsa ou verdadeira: isto é, se a estrutura do significado e sagrado últimos aos quais tal espiritualidade se refere são realmente o significado e sagrado últimos, quer dizer, de Deus; ou se se trata de estrutura idólatra simplesmente criada pelos homens que se colocam no centro de tudo e rejeitam a Deus.

O salmista deseja que seu povo obtenha saúde de corpo e abundância material, segurança

**Tenho citado Berdiaef quando diz que o problema do nosso próprio pão representa uma questão material, enquanto que o problema do pão do vizinho representa uma situação espiritual, acrescentando que, assim, a economia é derrubada pela espiritualidade.**

contra a agressão e justiça social. No entanto, ele vê nessas coisas positivas a expressão de um certo paralelismo espiritual entre o povo e Deus. Elas dão testemunho de Deus e de sua salvação para seu povo, somente depois de serem reconhecidas e recebidas como bênçãos prometidas por Deus em sua aliança com seu povo, da qual resultou uma estrutura de significado para suas vidas e o meio de reconhecer em Deus a fonte última do que é sagrado.

Aqui está a missão da Igreja: participar dos movimentos contemporâneos de libertação do homem, de tal maneira que possa testemunhar que Jesus Cristo é a Fonte, o Juiz e o Redentor da espiritualidade humana, orientando-a dentro desses movimentos. Portanto, Jesus Cristo é o Salvador dos Homens, hoje.

A redenção da espiritualidade humana das áreas idólatras do significado e do sagrado foi o objetivo fundamental da Missão Cristã do passado; ela, porém, encarava tudo isto dentro de uma relação com a espiritualidade e estruturas de significado e de sagrado das sociedades tradicionais. Nenhum historiador negaria o papel decisivo que o Evangelho desempenhou na pregação de libertação das fontes tradicionais de opressão. A criatividade espiritual que anima, hoje em dia, a busca revolucionária de uma sociedade que limita a natureza através da ciência e da tecnologia a serviço do bem-estar humano, elimina a pobreza e a opressão, abre a porta da participação nas estruturas de poder para grupos até então marginalizados e tende para uma fraternidade de pessoas livres e com idênticos direitos; tem como fonte de inspiração, ou parcial ou total, a salvação do espírito humano em Cristo. Poder-se-ia dizer que se trata de um novo estágio do processo de criação de Deus.

## Criação e Queda

Cada novo estágio da Criação tem a sua Queda; quando a criatividade se orienta para falsos domínios do significado e do sagrado torna-se autodestruidora e atraiçoa a libertação do homem perseguida pela criatividade e prometida em Cristo. A ordem tradicional opressora não dá lugar a uma nova disciplina de responsabilidade pessoal e social mas ao caos e ao egoísmo. A prosperidade é considerada tudo na vida e seu objetivo final; os valores sociais mais elevados são sacrificados.

Revoluções em prol da justiça se desvirtuam, numa fúria de auto-retidão; devoram seus próprios filhos, tornando-se fonte de uma nova opressão. A secularização, que liberta os homens das superstições das instituições religiosas opressoras e do dogmatismo, sucumbe perante o institucionalismo e dogmatismo do auto-suficiente secularismo e auto-redentor historicismo. Alienados de Deus na estrutura de nosso espírito e no conseqüente temor da desintegração final, fazemos esforços desesperados para atingir a auto-redenção, através da criação de novas ideologias religiosas e salvacionistas; só conseguimos ver que nosso idealismo caiu por terra, deixando na sua esteira, apenas frustração e desintegração. É o mesmo velho círculo vicioso da lei, pecado e morte, de cuja realidade e poder estamos mais conscientes hoje em dia do que no passado.

É exatamente neste ponto que a vitória da Cruz se torna relevante. Neste contexto, a missão da Igreja consiste em estar presente dentro dos movimentos criativos contemporâneos de libertação, que o próprio Evangelho de Cristo ajudou a formar. Ela participará de tudo isso de tal forma, que se tornará apta a comunicar o genuíno evangelho da libertação, que livra os

homens dos círculos viciosos do pecado e da alienação, da lei e da auto-retidão, da frustração e morte, trazendo-os para a nova humanidade de Cristo, na qual existe perdão e reconciliação, graça e justificação, renascimento e vida eterna.

Minha tese fundamental completou-se. Visto que meu contexto e perspectiva foram bastante pessoais e parciais, deixei sem resposta muitos aspectos do problema e significado da Salvação em Cristo. Antes de finalizar, mencionarei alguns pontos mais.

Primeiro: meu espírito é indiferente ao debate infrutífero entre os advogados da salvação individual e da salvação social. Isso não me interessa. Tenho dado ênfase à salvação do homem — sua totalidade, individualidade, coletividade mergulham em diferentes níveis de autoconsciência, sentido de liberdade e responsabilidade espiritual e buscam aquilo que denominei de significado e de sagrado. Não há dúvida que a individualidade representa um marco bastante elevado de consciência e criatividade espiritual — porém apareceu muito tarde, na história social. Os padrões de espiritualidade e busca de significado é de sagrado têm, no entanto, esclarecido a tribos, grupos étnicos e outras comunidades organizadas, aquilo que a Bíblia chama de “nações”, numa época anterior à idade moderna do individualismo liberal. O Evangelho se destina tanto às “nações” como aos indivíduos.

### Além da História

Segundo: Será que processos criativos e movimentos de libertação na História poderão ser salvos das estruturas idólatras do significado, para serem redimidos por Cristo, a ponto de podermos ter a esperança de um grau relativamente elevado de

Revoluções se desvirtuam, numa fúria de auto-retidão; devoram seus próprios filhos, tornando-se fonte de nova opressão. É neste ponto que a vitória da Cruz se torna relevante. A missão da Igreja consiste em estar presente dentro dos movimentos criativos de libertação para comunicar o genuíno evangelho da libertação, trazendo os homens para a nova humanidade de Cristo na qual existe perdão e reconciliação, graça e justificação, renascimento e vida eterna.

emancipação humana (aspecto da esperança escatológica da salvação final?) A resposta a esta pergunta depende da profundidade de nossa fé.

Muitos cristãos envolvidos em movimentos políticos de libertação dão esta versão da teoria do "além da História" e do "depois da vida": o perdão divino de Cristo e a comunidade dos pecadores só podem ser experimentados "além da política" e "depois das lutas pelo poder" da política entre oprimidos e opressores. A política de libertação é concebida exclusivamente em termos da "lei da necessidade natural", ou como inevitável guerra de classe ou inevitável guerra internacional. Não hesito em dizer que necessidades de natureza pecaminosa influem em todas as lutas pelo poder, devendo ser desafiadas por aqueles que se dedicam à política de libertação. Não sou utópico a ponto de negar a inevitabilidade do pecado acumulado dentro da história social. Não acredito, porém, que a mensagem de perdão divino e a "koinonia" com Cristo, dela resultante, possam ser relegadas ao domínio do "além" ou "depois" da política. O perdão divino e a comunidade que perdoa podem e devem vencer as necessidades pecaminosas, transformando-as e humanizando-as, quer se trate de indivíduos, classes, nações e raças.

Terceiro: vivemos numa época que nos faz profundamente conscientes do pluralismo no mundo, pluralismo de situações e necessidades humanas, de religiões variadas e culturas seculares, com diferentes tradições de metafísica, ideologias e análises do mundo. É em termos desse pluralismo que os próprios cristãos procuram expressar seu compromisso para com Cristo e a confissão de Seu nome. Assim sendo, qualquer tipo de unidade da doutrina de Cristo ou da Sal-

vação de Cristo, objetivo das igrejas cristãs tradicionais, revela-se impossível de ser concebida por minha mente, exceto em termos religiosos imperialistas.

Que tipo de critério de fé cristã podemos adotar numa era pluralística? Ao visitar a Índia, recentemente, o dr. Hans Kung afirmou que o critério da fé poderia consistir no reconhecimento, sob diversas formas, de que a pessoa de Cristo é “decisiva para a vida”; isto quer dizer — traduzido na minha experiência — decisiva para o conhecimento da realidade última e a realização do significado final da vida, assim como sua plena realização aqui e para sempre.

### Salvação e Igreja

Qual será o significado da Igreja, se o que acima disse for verdade, se a salvação em Cristo for concedida fora da Igreja? Considero que a Igreja desempenha o papel de agente essencial de missão. Mas o que é a Igreja? Quais são as marcas essenciais da auto-identidade da Igreja? De que forma deverá ela estruturar-se, a fim de participar do organismo de diferentes religiões e comunidades seculares e dos processos criativos e movimentos de libertação para que possa bem desempenhar sua missão salvadora? É preciso examinar este ponto mais a fundo. Aqui estão algumas idéias, ainda em forma fragmentária:

(1) Estou pessoalmente convicto de que o centro da comunidade da Igreja consiste no encontro para o estudo da Palavra e a celebração da Eucaristia. As formas, porém, são múltiplas; terá ela a forma de uma comunidade religiosa distinta, entre outras comunidades religiosas, em que quase todos os níveis primários de vida social dos crentes estejam confinados

ao círculo de cristãos, com uma lei cristã que até mesmo governa o comportamento e que é reconhecida pelo Estado, como acontece em muitos países da Ásia e na própria Índia?

(2) Na situação hindu, a conversão ao cristianismo pode chegar a significar uma transferência de fidelidade de uma cultura e comunidade jurídica para outra, em vez da escolha de Deus, através de Cristo, em prejuízo dos ídolos; da mesma forma, o batismo se assemelha quase que à antiga circuncisão. De que forma poderá ele recuperar seu verdadeiro significado, isto é, conversão espiritual? O batismo deverá, por isso, ser considerado uma condição para alguém ser membro da Igreja, ou antes um privilégio?

(3) Wilfred Cantwell Smith perguntou recentemente, se a palavra — cristãos — poderia ser considerada como adjetivo ou como substantivo. Os crentes de Antioquia foram primeiramente chamados de cristãos para que se percebesse numa nova qualidade de fé ou para indicar uma identidade comunitária separada? A resposta a esta indagação tem grandes implicações para a natureza de nossa missão, seus métodos e objetivos.

(4) Meu amigo E. V. Mathew, já falecido, freqüentemente perguntava se não seria melhor, para o bem da missão cristã, que a Igreja formasse novas seitas com uma vocação profética dentro dos movimentos de criatividade cultural e libertação social, em vez de se tentar organizar uma Igreja da Índia, que poderia apenas consistir na existência de diversos pequenos guetos unindo-se para formar um grande gueto?

Neste ponto, finalizo. Deixo todas as perguntas sem resposta como um desafio para os técnicos desta conferência.

---

# A SALVAÇÃO SEGUNDO O SALMO 30

Christoph Barth  
Universidade de Mainz, Alemanha Ocidental

---

Eu te exaltarei, ó SENHOR, porque tu me livraste,  
e não permitiste que os meus inimigos se regozijassem  
contra mim.  
SENHOR, meu Deus, clamei a ti por socorro,  
e tu me saraste.  
Da cova fizeste subir a minha alma;  
preservaste-me a vida para que não descesse à sepultura.  
Salmodiai ao SENHOR, vós que sois seus santos,  
e dai graças ao seu santo nome.  
Porque não passa de um momento a sua ira;  
o seu favor dura a vida inteira.  
Ao anoitecer pode vir o choro,  
mas a alegria vem pela manhã.  
Quanto a mim, dizia eu na minha prosperidade;  
Jamais serei abalado.  
Tu, SENHOR, por teu favor  
fizeste permanecer forte a minha montanha;  
apenas voltaste o rosto,  
fiquei logo conturbado.  
Por ti, SENHOR, clamei,  
ao Senhor implorei.  
Que proveito obterás no meu sangue,  
quando baixó à cova?  
Louvar-te-á, porventura, o pó?  
Declarará ele a tua verdade?  
Ouve, SENHOR, e tem compaixão de mim;  
sê tu, SENHOR, o meu auxílio.  
Converteste o meu pranto em folguedos;  
tiraste o meu pano de saco,  
e me cingiste de alegria,  
para que o meu espírito te cante louvores e não se cale.  
SENHOR, Deus meu, graças te darei para sempre.

---

O Salmo 30 é uma prece de agradecimento; descreve o ato milagroso da salvação do mal e da morte, trazido pelo Senhor Deus de Israel.

A época em que o salmo foi composto não pode ser fixada com exatidão, podendo variar, segundo os estudiosos, do séc. IX a. IV a.C. Também não se iden-

tifica o homem ou mulher que, pela primeira vez, pronunciaram essas palavras de louvor. Finalmente, nunca chegaremos a ter a certeza de que originalmente, foi criação de Davi.

O estilo e a linguagem são vivos e exatos, como em muitos outros salmos. Não se trata de lirismo religioso, na acepção moderna, mas de uma oração em forma tradicional, profundamente enraizada na tradição litúrgica do santuário de Jerusalém.

Apesar dessas curiosas características, o salmo 30 revela uma voz verdadeiramente humana. E o que nos diz a respeito de salvação?

### **Estrutura geral de pensamento**

A situação em que o povo judeu vivia, há 25 séculos, diferia bastante da do nosso tempo. Em termos de padrões modernos, o progresso científico e técnico estava num estágio extremamente primário de desenvolvimento. A maioria dos judeus viviam amontoados em casas, estreitas, dentro de cidades pequenas e fortificadas. Epidemias ceifavam vidas sistematicamente e eram permanentes as tensões sociais e religiosas. Os dias gloriosos de Israel tinham-se desvanecido e nada mais eram do que um sonho com bem pouco significado. Até mesmo as promessas da vinda de um rei justo, da casa de Davi, haviam causado impacto diminuto, dentro da luta quotidiana. No entanto, com todas essas fraquezas óbvias, ainda existia o povo de Deus.

São estes os antecedentes do nosso salmo; precisamos prestar atenção a algumas linhas típicas de pensamento nele contidas, para que possamos ter acesso a sua mensagem.

(1) É uma prece que denota extrema preocupação pelo ho-

mem como ser **individual**. Há referência a inimigos (v. 1) e a crentes ("vós que sois meus santos", no v. 4), mas a alusão é incidental. O que vemos é a oração de um único homem, que se expressa em seu próprio proveito, preocupado com seus anseios e desespero, sua angústia e vontade de salvação. Deus parece impotente na medida em que representa Aquele que pode ou não, prestar ouvidos a esse clamor, livrando o salmista de seu sofrimento. Deus e o homem, o céu e a terra giram em torno desse ser humano, que clama por libertação, para em seguida, irromper em palavras e atos de alegria.

Existem muitas mais orações "individuais" no livro dos Salmos; na realidade constituem a maioria, se pensarmos no número relativamente reduzido de salmos "coletivos", em que a congregação, como um todo, está orando (e. g. Salmo 79). Em geral, a predominância da adoração individual não é característica do povo de Israel; no entanto, ela se verifica durante o período a que este salmo pertence.

As gerações de crentes que sucederam a essa época atribuíram sem dúvida mais importância à experiência "coletiva"; até mesmo orações claramente individuais eram lidas como se fossem orações comunitárias. Essa compreensão e procedimento eram justificáveis do ponto de vista de suplementação de um ritual; no entanto, nunca deveriam substituir o significado fundamental da oração.

Na nossa época, sociedade e comunidade despertam mais interesse do que vida individual e pessoal; no entanto, vivemos no meio de uma "multidão solitária". Sentimos desconfiança da idéia de se conceber salvação do ponto de vista pessoal. É, porém, precisamente, o que faz o salmo 30.

(2) Esta oração consiste num diálogo entre o homem e Deus. É evidente que o salmista acredita num Deus — se não, de que maneira poderia estar se dirigindo a ele? Contrariamente à oração moderna, nosso Salmo não revela o menor sinal de dúvida a respeito da existência de Deus. Para o salmista, Deus é uma fato consumado.

Nem por isso podemos concluir que ele não tenha problemas, nesse terreno. O salmista clama a Deus, do fundo de sua dor, miséria e desespero total. São gritos que ultrapassam a medida da miséria humana. Em Jeremias 20.7-18, em Jó, 6-7, na oração de Jesus expressa em Marcos 14.34, 36a e 15.37 vemos apelos desesperados a Deus e até mesmo protesto e revolta contra Ele. O salmista percebe a profundidade do relacionamento de Deus com o homem. Seu Deus é um Deus parcial; ele favorece o homem, pois é o Senhor, Deus de Israel. Portanto, na realidade, o homem não precisa se esforçar por dobrar a vontade de Deus e fazê-lo passar para o seu lado. Neste ponto, porém, o salmista enfrenta um problema: é que ele não sente a presença de Deus no qual confia. Pelo contrário, experimenta uma cruel separação de Deus.

Nossa geração não vê mais a existência de Deus como coisa garantida. Temos mais certezas a respeito de nós mesmos, do que a respeito de Deus. As orações bíblicas, com todos os seus veementes clamores de protesto contra Deus, nunca duvidam da realidade do ser ao qual dão o nome Deus e da sua eterna e plena parcialidade a favor do homem. É uma forma de pensar que não conseguimos mais ter.

(3) Este salmo apresenta uma **história** ocorrida entre Deus e o homem. A expressão — tornaste

o meu pranto em folguedo — descreve o que aconteceu; tentaremos, mais tarde, refletir sobre esse ponto. Antes porém, pensemos na maneira extraordinária através da qual esta história **exclui** o leitor — mas, ao mesmo tempo, o inclui.

Ninguém sabe o sofrimento que o salmista teve que enfrentar. Ninguém participa de sua dor. Nenhuma palavra de simpatia chega até ele — nenhuma palavra de real conforto ou de ajuda efetiva. Talvez algumas pessoas lhe preguem sermões, como os amigos de Jó. Talvez outros riam de suas dificuldades. O salmista não **se sente** sozinho apenas; ele está realmente sozinho, junto com o seu sofrimento. E por isso, ele grita por socorro de forma "individual". É a única coisa que poderia fazer, visto que ninguém está com ele! Quando, finalmente, recebe auxílio, seus gritos de alegria expressam exclusivamente sua própria e pessoal salvação. Trata-se, na realidade, de história marcadamente pessoal.

No entanto, com todo esse aspecto "particular", a história é, ao mesmo tempo, de caráter coletivo. O salmista narra o fato a seus irmãos de crença e pedelhes a amizade que antes não lhe haviam conferido. Sabe que ela virá, mais cedo ou mais tarde; chegará o dia em que os outros compreenderão seu sofrimento.

A compreensão dos outros virá fatalmente — porque essa história também é a história deles; é a história de Israel debaixo da escravidão, clamando por ajuda e sendo libertada por Deus. É a história do povo de Deus e de muitos homens e mulheres através do tempo. Em última análise, é a história de seu "rei", Jesus. Mais ainda: no horizonte da história, aparece toda a humanidade. O salmista não está brincando com

as palavras, ao convidar todas as criaturas a entoarem um cântico de agradecimento.

Essa concorrência de idéias “exclusivas” e “inclusivas” parece contraditória. Precisamos, porém, apreender essa forma de pensamento, porque ela tem a sua própria lógica. É preciso descobrir a forma de participarmos também, como personagens, dessa história.

### Significado da Salvação no Salmo 30.

Este estudo representa uma tentativa de narrar novamente a história do salmista, num mínimo de palavras, com um máximo de exatidão. Primeiro, usei a linguagem do salmista, depois uma forma mais “moderna” de expressão. Ambas as tentativas falharam. Buscando os motivos do meu fracasso, resolvi tentar uma nova compreensão da história — que tem muito em comum com alguns textos sobre salvação, na experiência do homem contemporâneo.

(1) A primeira vista, a história do salmista parece bastante clara. Ele estava bem de vida (v. 6), vivendo “sem preocupações” (New English Bible) e até mesmo na “prosperidade” (Revised Standard Version), quando foi derrubado por profunda crise. Uma doença extremamente séria o levou à beira da “sepultura”, sentindo-se como alguém que “descesse ao abismo” (v. 3) — o que significa, provavelmente, as proximidades da morte. Nesta situação terrível, suplicou o auxílio de Deus, que, na Sua misericórdia, atendeu à sua súplica; recobrou, assim, a saúde, iniciando vida nova e rendendo graças a Deus pela sua salvação. Trata-se de uma história de miséria humana e de perdão divino, exemplo brilhante de uma oração atendida!

Simplificamos, deliberadamente, a história. O que aconteceu ao salmista parece um incidente ocorrido entre Deus e o homem. Primeiro a vida corria normalmente, depois sobreveio o sofrimento e a salvação e finalmente a vida voltou à calma primitiva.

(2) Não é difícil transpor esse relato para um tipo “moderno” de experiência: alguém vivia uma vida calma, quando sobrevieram o azar e os desastres. A pessoa ficou tão doente, que foi desenganada. Sozinha e sem a ajuda de ninguém, esperando um fim prematuro, gemia e gritava. De repente, tudo mudou. Milagre! A saúde voltou, a vida voltou. A pessoa, incrivelmente alegre e grata, conta a todos o seu sofrimento e recuperação.

Mais uma vez, simplificamos, deliberadamente, a história. O que havia acontecido ao salmista assemelha-se a uma tragédia humana com um final feliz, um incidente de duração limitada, ocorrido, por um lado, entre um homem com expectativa de vida dentro da média e por outro, uma “fatalidade” obviamente sem sentido. O homem teria morrido prematuramente, se um milagre não o fizesse voltar ao curso normal da vida. Primeiro, “azar”, depois à volta à “boa sorte”. Esta é versão “secular” do nosso salmo.

(3) Não podemos evitar esta pergunta: será esse realmente o tema do Salmo? Será que o salmista concordaria com a nossa versão simplificada — quer na forma “religiosa”, quer na forma “profana?” Provavelmente isto não aconteceria. Por quê?

a) Primeiramente, houve erro na nossa compreensão a respeito do que o texto bíblico diz sobre “vida” e “morte”. Entendemos por “vida” aquilo que a maioria das pessoas vê na pa-

lavra: tempo de duração de uma pessoa no mundo. Entendemos por "morte" o fim da nossa existência no mundo, um acontecimento temível, se for prematuro, e aceitável (às vezes até mesmo bem-vindo) se sobrevier ao fim de uma longa existência.

O salmo 30 não desconhece estes significados daquelas palavras. O salmista, como todos os seres humanos, agarra-se à vida e detesta a idéia de morrer prematuramente. Como ficou alegre, ao se livrar do perigo mortal!

No entanto, se olharmos mais de perto para nosso salmo e para textos bíblicos paralelos, notaremos um quadro diferente, em que "vida" e "morte" têm um significado muito mais profundo e, ao mesmo tempo, muito mais realista.

A "vida" que o salmista vivia, antes da crise, não merecia o nome de vida verdadeira. Na realidade, viver significava ter "prosperidade", viver sem preocupações de ordem material. Nesse momento, a doença apareceu e fez a pessoa "vacilar" (V. 6, talvez v. 7). Do fundo do sofrimento, soube o que tinha sido até então sua "vida" e sentiu para onde se estava dirigindo. Que criatura ele era! Solitária, amargurada, sem alegria, estéril, afastada de Deus e dos homens, dominada pelo medo, perseguida pelo temor de morrer para sempre!

Nesse momento, Deus o salvou. Foi o fim de sua doença mortal e, mais do que isso, de sua forma "mortal" de viver no mundo. Nesse dia começou sua vida verdadeira na terra, cheia de folgado e de alegria, de segurança e de esperança, livre do medo, aberta para Deus é consciente do próximo. A morte, como terrível ameaça, não existia mais.

Porém, mais cedo ou mais tarde, não teria que morrer? Sim,

como todo ser humano. No entanto, a morte teria outro significado, pois havia perdido o seu aspecto de crueldade, cessando de constituir ameaça terrível — o julgamento impiedoso de uma vida humana distanciada de Deus. O salmista sabe isso por experiência própria; portanto, pode "viver" realmente.

b) Também nos enganamos, ao tentar transpor para linguagem moderna ("religiosa" ou "secular") aquilo que o texto afirma sobre Deus: Aquele que traz a salvação.

A versão "secular" da história reduziu Deus a um poder pessoal, que se faz presente no meio das adversidades inesperadas ou das bênçãos da vida. Assim como o destino, poderá pender para a sorte ou para o azar, sem que o homem tenha qualquer oportunidade de entendê-lo ou de controlá-lo. Com todos os traços humanos contidos na nossa história, nem por isso deixam de aparecer claramente as tendências pagãs e fatalistas.

O Deus da versão "religiosa" é muito mais pessoal: é o Senhor, que tem comando sobre a vida e a morte e que recompensa o homem, concedendo-lhe longa vida, assim como o pune através de uma morte prematura. É um Deus que ouve as preces de seus servidores e que pode até mesmo decidir, por obra de sua misericórdia, da revogação de seu julgamento. Segundo nossa versão, foi uma experiência feliz para o salmista.

Até mesmo este "Deus" tem muitas semelhanças com uma divindade pagã que representa o destino. O Deus que o salmo 30 apresenta é um Deus diferente. A vida e a morte não representam possibilidades idênticas. Ele escolheu a vida; ajudar o homem não representou

uma opção, mas sua própria essência. Tirar os homens da miséria em que eles mesmos mergulharam, tirá-los das profundezas e dos abismos é parte de seu nome e de sua glória. E Deus faz isto não apenas durante um momento crítico de perigo mortal, mas por toda a vida. Desde o instante em que Deus atuou junto ao salmista, a salvação dos perigos da morte deixou de ser apenas um favor momentâneo para se transformar na experiência e dom da presença eterna do próprio Deus.

c) Conclusão evidente: engamamo-nos, ao pensar que o Salmo tratava apenas do restabelecimento de uma doença mortal. É verdade que o Salmista dá testemunho do seu restabelecimento milagroso (também não seria correto iniciar agora um processo de moralização ou de espiritualização), mas sua experiência vai além e é muito mais profunda. Obteve mais do que a prolongação ou a continuação de sua vida na terra, mais do que apenas o adiamento daquela hora final, que deve sobrevir, mais cedo ou mais tarde.

Salvação significa restauração da vida (v. 3). Já tentamos expressar o conteúdo da vida: alegria, segurança e esperança. Agora, teremos somente que desvendar a fonte dessa nova vida. Nosso salmo diz claramente que a vida começa onde se sente a presença de Deus. Nesse momento, o isolamento e frustrações do homem acabam, iniciando-se uma verdadeira comunhão — o diálogo verdadeiro e a comunicabilidade que o ser humano nunca proporciona ao próximo. O salmista tinha estado sozinho, com medo dos outros e com medo da morte. A restauração da vida significou para ele a certeza da presença e real comunhão de Deus; assim, foi-lhe concedida para toda a vida, em relação aos outros

homens, uma nova tarefa, que não deixaria de lhe proporcionar uma nova autoconfiança (v. 12).

A salvação (até mesmo a salvação pessoal) tem conseqüências sociais. Leva ao companheirismo e ao compromisso. Nosso salmo se refere à comunidade dos judeus, ao Povo de Deus, do qual nenhum estrangeiro (ou até mesmo um cristão) pode fazer parte. A salvação provém de Deus; somente ele reunirá seu povo “dentre todas as nações”.

### Relevância para os dias de hoje.

O restabelecimento de uma doença e a salvação de um perigo mortal são coisas relevantes. Acontece em qualquer lugar e época, acontece hoje. Deveria acontecer numa escala muito maior. Muito mais pessoas deveriam participar da tarefa da salvação. Deus pode atuar sozinho, mas espera que homens e mulheres cooperem com ele, dentro de suas possibilidades. Concordo com o que diz Marguerite Yourcenar, referindo-se a uma idéia muito comum sobre a onipotência de Deus (Salvation Today and Contemporary Experience, p. 52). Na realidade, Deus não fará aquilo que nós mesmos temos capacidade para fazer!

A mensagem do salmista é explicada e ilustrada por outros dois textos daquela coleção. Nestor Paz, guerrilheiro boliviano, tinha atravessado muitas situações de perigo mortal ao escrever a notável “Carta a Deus”, onde reflete a sensação de que morrerá brevemente. Foi morto, em ação, poucas semanas mais tarde (Idem, p. 58).

William Stringfellow, conhecido advogado do Oeste do Harlem, passou por uma experiência de enfermidade mortal, cirurgia e restabelecimento. Perante ele

está a vida e um novo compromisso, afastado o medo. De certa forma, é um testemunho com rumo contrário ao depoimento de Nestor Paz (Idem p. 70).

Ambos os escritores falam da morte como de um acontecimento que, milagrosamente, perdeu seu terrível poder sobre eles. Ambos insistem no dom da vida, como um decidido compromisso para com os outros, aqueles que estão em necessidade. "A morte tem sentido, quando a vida teve sentido" (Nestor Paz). "A vida é um dom que a morte não consegue viciar ou esvaziar... A libertação da escravidão moral para com a morte faz com que o homem saiba viver de forma humana e morrer, a qualquer momento, sem preocupações" (William Stringfellow). Dag Hammarskold aponta também na mesma direção ao dizer que "Aquilo que me tinha parecido difícil e insuportável adquiriu significado à luz das exigências que Deus me estava fazendo agora" (Idem, p. 90).

Salvação não quer dizer simplesmente o fato de se escapar de um perigo mortal. Nos textos acima citados que, na minha opinião, correspondem à mensagem bíblica, tem um sentido muito mais integral: significa a libertação de uma morte sem significado e, simultaneamente, de uma vida sem significado; acima de tudo libertação de uma vida sem sentido.

M. M. Thomas relata as descobertas de um jovem missionário a respeito dos motivos especiais que levam os hindus a se tornarem cristãos (Idem, p. 59). Parece que a esperança de uma nova comunidade e fraternidade desempenha papel muito mais importante do que "o sentido da necessidade individual de salvação". Até mesmo os convertidos das classes pobres parecem sentir mais interesse por uma nova comunidade na terra, do que por "salvação individual ou a obtenção do céu depois da morte".

Aqueles que são cristãos há diversas gerações, e até mesmo convertidos novos, às vezes pensam diferentemente. Na minha experiência, os cristãos da indonésia têm preocupação fundamental pela salvação **individual**. É exatamente essa forma de salvação que dá impulso básico aos movimentos evangélicos e pentecostais na Indonésia contemporânea. Quando são confrontados com novos conceitos de salvação, como rumo para uma comunidade responsável, esses círculos freqüentemente reagem: surpresa, e até mesmo suspeita e pena.

O conceito de salvação contido no nosso salmo também é de caráter individual, mas apela para um sentido comunitário. Portanto, parece-me que não estamos sendo insistentes demais ao apontar igualmente essa forma de salvação.

Finalmente, gostaria de destacar o que Anthea Still escreveu sobre "A Experiência Pessoal de Salvação" (Idem, p. 39). A verdadeira salvação é um acontecimento de caráter espiritual, uma experiência íntima — o mistério de se encontrar Deus em Cristo. Não deveríamos confundir esse fato com a filosofia da libertação de nossas próprias limitações e da libertação do compromisso para com o nosso próximo. Precisamos ter uma compreensão firme a respeito da salvação: um acontecimento que ocorre nos dias de hoje, dentro de um mundo cheio de sofrimento. Para isso, a mensagem bíblica é necessária, assim como o Espírito que vem de cima. Ele proporcionará, a nós e a todos, a certeza da salvação.



# reportagem

## A SALVAÇÃO NOS DIAS DE HOJE

---

Impressões pessoais da Conferência de Bangoque

D. G. Vergara dos Santos

---

Havia quase quatrocentas pessoas, vindas de uns setenta países, desde as Ilhas Fiji até a Romênia, da Guiné-Bissao ao Vietnã do Sul. Era quase um perfil representativo da humanidade, de tantas raças e cores, de culturas e tradições históricas as mais diversas. E um perfil também da Igreja Cristã: a gama teológica quase toda; desde secularistas radicais, até fundamentalistas irreduzíveis; desde arcebispos ortodoxos e anglicanos, até catequistas e leigos de todo tipo; desde solenes catedráticos de teologia, até artesãos e líderes camponeses; desde ecumênicos convictos, até conservadores de todas as tradições.

Era a conferência sobre "A Salvação Hoje", promovida pela Comissão de Missão Mundial e

Evangelismo, do Conselho Mundial de Igrejas, em Bangcoque, Tailândia. Quem já esteve em reuniões ecumênicas chegava com a impressão de que seriam 15 dias de longas preleções doutorais, seguidos de pesados debates em plenário entre meia dúzia de "astros", transformados depois em pilhas de documentos muito válidos e interessantes, mas provavelmente pouco lidos pelos cristãos comuns. E aí estava a primeira surpresa. Uma série de coisas diferentes no "formato" e nos objetivos tornaram a reunião cada vez mais interessante, com o passar dos dias.

Para começar, a conferência tinha como primeiro objetivo celebrar e proclamar a riqueza da salvação dada ao homem por Deus em Cristo no poder do Espírito Santo: a salvação, não como conceito abstrato mas como experiência de homens e mulheres diferentes nos dias de hoje, em meio à busca de sentido e de plenitude na vida, e de justiça e paz na sociedade e entre as nações. A conferência tornou-se, então, realmente um encontro, um encontro entre pessoas, com toda aquela diversidade — e por isso uma nova descoberta do sentido da unidade cristã, que não se identifica com unanimidade.

Primeiro foram os grupos de estudo bíblico (como alternativa, formaram-se um grupo de

meditação e um grupo para explorar a área das artes visuais e da música como formas de proclamação e celebração). Esse fracionamento da conferência facilitou a abertura do diálogo em que os participantes dessem a conhecer o que, na experiência pessoal e prática de cada um, significa a salvação hoje. Era o começo duma reflexão teológica, precipitada pelo confronto com o texto bíblico e pela disciplina do diálogo. O que surpreendeu foi a verificação de que, apesar das flagrantes diferenças de convicções acerca de problemas vitais como o da autoridade da Escritura, da hermenêutica e mesmo da exegese do texto específico em exame, os grupos aos poucos descobriram que havia um vínculo profundo entre os seus componentes, cifrado na disponibilidade de todos, na abertura às possibilidades de novos enfoques para a convicção teológica de cada um, a partir do estudo do testemunho escriturístico. Ao mesmo tempo, via-se claramente o problema de um diálogo teológico quando os termos consagrados pelo uso na comunidade cristã adquirem valores semânticos díspares e por vezes irreconciliáveis.

A segunda etapa da conferência foi a pesquisa do sentido concreto da salvação entendida em termos de ação e em sua relação com os problemas específicos do mundo contemporâneo. Grupos pequenos examinaram relatórios vindos de áreas e pessoas imediatamente enga-

jados em problemas e projetos classificados em três grandes seções: problemas culturais e raciais, problemas de justiça e ação no campo econômico e político, e questões relativas à igreja enquanto estrutura de missão. Em suma, como relacionar a mensagem e experiência da salvação com a luta dos africanos em prol de sua auto-determinação e da preservação de sua cultura, com a discriminação racial, com as tragédias da Irlanda do Norte, de Angola e do Vietnã, com a questão do desenvolvimento econômico, a urbanização e a tecnologia, e com as sociedades missionárias eclesíásticas e a desunião das comunidades cristãs locais — eis alguns dos temas tratados. Alguns tópicos básicos vinham à tona em quase todos os grupos, destacando-se o das formas e o uso do poder econômico, político e burocrático, dentro e fora das igrejas, na sociedade e nas juntas de missões. Desses grupos saíram documentos breves que, precedidos de uma introdução teológica, foram encaminhados, através do plenário, à assembléia geral da Comissão de Missão Mundial e Evangelismo, que se reuniu logo após, sob a presidência de seu novo diretor, Emílio Castro, do Uruguai, sucessor de Philip Potter, atual secretário geral do Conselho Mundial de Igrejas.

Mas não eram documentos com pretensão de definitivos, pontificiais. A conferência sabia que não podia ter a pretensão de falar pelas igrejas, e que sua reflexão devia ter antes a função de testemunho e de catalizador de uma busca mais pro-

funda das dimensões da missão cristã num mundo complicado como o nosso. Mas nem por isso deixou de tratar com franqueza das tensões difíceis de resolver, que se notam nas igrejas com referência a um conceito amplo de evangelização. O plenário era em si mesmo um retrato dessas tensões que há nas comunidades locais. Como lembrou o grupo de teólogos encarregados de refletir diariamente sobre o que acontecia na reunião, havia os que falavam da experiência no dia a dia da dura opressão política e exploração econômica. Havia os que acusavam as igrejas e missões organizadas de servirem de instrumentos ou agentes da opressão. Havia os que diferiam apaixonadamente na sua interpretação da natureza da tarefa missionária nos dias de hoje. No correr dos debates, especialmente em plenário, representantes da África e Ásia acusavam as igrejas do Ocidente de impor sobre as do Terceiro Mundo — numa atitude acoimada de “colonialista” — uma agenda que era estranha aos não-europeus, forçando-os a presenciar discussões que, do ponto de vista de regiões e igrejas outras que não as da Amé-

rica do Norte e Europa, era estéril e irrelevante, frutos de uma teologia desvinculada das realidades urgentes do Terceiro Mundo. Outra polarização que vinha à tona seguidamente era a que se refere à insistência de alguns na salvação como experiência individual, pessoal e interior de libertação do pecado e conversão, contrastando com a ênfase no processo de libertação da sociedade e de criação de uma nova estrutura social, econômica e política, fundada no imperativo da humanização.

M. M. Thomas, num discurso marcante que proferiu no plenário (1) tentou enfocar essa polarização: "A busca da felicidade num contexto secular — a procura pelos povos de uma concretização mais rica e mais plena das potencialidades de sua humanidade por meio da construção de uma nova sociedade que lhes ponha ao alcance mais saúde e prosperidade, paz e justiça — esse é o quadro de referências dentro do qual devemos falar em salvação em termos espirituais." O problema, dizia ele, era estabelecer uma relação vital entre esses dois aspectos: o da humanização da sociedade e a descoberta da felicidade por meio do reconhecimento do senhoria de Deus. E citava Berdiaef: "O problema do meu pão é uma questão material; o problema do pão do meu próximo é uma questão espiritual" — dizendo que a economia está impregnada da problemática da espiritualidade humana. Em outras palavras, dizia-se na reunião, perder de vista a dimensão espiritual do problema humano significa desumanizar

o próprio processo de humanização, de que o cristão tem de participar em nome do Evangelho, ombro a ombro com todos os seus irmãos não-cristãos.

Esse enfoque deu à conferência — e devia dar às igrejas — uma dose de humildade. Numa época de crescente pluralismo ideológico (veja-se a visita de Nixon à China, por exemplo) e religioso, a atitude de velada superioridade das agências missionárias não tem mais lugar. Certas tradições culturais, ideologias e experiências religiosas diversas da cristã e até mais antigas do que o Cristianismo têm algo a nos dizer com respeito a isso. Numa das tardes, a conferência recebeu a visita de três intelectuais budistas que participaram de um painel sobre o diálogo entre o Cristianismo e as demais religiões. Esse fato, aliado ao de a reunião haver sido realizada num país budista, mostrou dramaticamente a sensibilidade do movimento ecumênico diante da descoberta de que missão significa não meramente proselitismo mas diálogo e ação em comum com outros que não são deste aprisco.

Outras vozes de alerta se levantaram. Por exemplo, a dos que por muito tempo se têm preocupada com a dimensão social, econômica e política do Evangelho e equacionado missão cristã com trabalho em prol do desenvolvimento econômico em termos seculares. Chamavam a

atenção para o fato trágico de que a luta pela justiça e pela modernização das sociedades do Terceiro Mundo leva quase sempre a um atrelamento dessas sociedades às culturas tecnológicas e de consumo características dos dois outros Mundos, com seu desfile de valores anti-humanos; ao estabelecimento de sociedades fechadas e regimes opressivos; à impossibilidade de controlar o processo de desenvolvimento e a burocracia que ele gera de forma a fazê-los servos do homem.

Os dilemas são muitos, as soluções difíceis de encontrar e o peso da rotina ou da tradição eclesial em termos de prática missionária muitas vezes amortece, de um lado, a capacidade de procurar caminhos novos por onde sopra o vento do Espírito, e de outro, a disponibilidade para esperar aquilo que Deus pode ainda fazer e faz dentro da história e da vida individual de tanta gente. Isso a conferência sentiu. Mas ao mesmo tempo proporcionou uma experiência do poder de restauração de Deus em Cristo, que nos liberta de culpa e do senso de inutilidade frente à impotência da comunidade cristã dispersa no mundo.

Talvez, dentro desse espírito de sinceridade que caracterizou a reunião de Bangcoque, coubesse aqui uma nota de rodapé. Uma coisa salta aos olhos do sujeito que assiste a uma conferência dessas: a crescente pressão da crise institucional e

intelectual por que muitas vezes passa a igreja leva não raro a uma espécie de estreitamento das perspectivas segundo as quais enxergamos a missão de Deus no mundo. Resultado: um certo provincianismo, por assim dizer, um isolamento dentro das fronteiras dos problemas locais e das frustrações por que passa uma comunidade cada vez mais minoritária, como a cristã. O contato com outras experiências de vida cristã, em circunstâncias por vezes muitíssimo mais confusas ou adversas do que as em que nos achamos; a fertilização da nossa visão das coisas e da reflexão sobre a fé e a ação cristãs através do diálogo e da vivência da unidade na pluriforme comunidade cristã — tudo isso são benefícios que o movimento ecumênico oferece e que os cristãos do Brasil deveriam aproveitar.

Os velhos mitos de um ecumenismo monolítico e burocrático não valem mais. Essa conferência mostrou isso. Enquanto os cristãos não buscarem o serviço comum, o seu encontro vai ser bonito mas inócuo e infiel. De outra parte, enquanto o serviço em comum não for acompanhado de reflexão disciplinada e desarmada, ele vai perder-se no vozerio dos esquemas e esforços sem consistência.

# documento

## 1. SALVAÇÃO E JUSTIÇA SOCIAL

### A missão de Deus.

Através do poder do Espírito, Cristo é enviado por Deus, o Pai, para este mundo dividido, "para evangelizar os pobres... para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade aos oprimidos e apregoar o ano aceitável do Senhor". (Luc. 4.18,19) Através de Cristo, homens e mulheres são libertados e fortalecidos em todas as suas energias e possibilidades, a fim de participar de Seu trabalho messiânico. Através de Sua morte na Cruz e da Sua ressurreição dos mortos, as esperanças de salvação tornam-se reais e a realidade cheia de esperança. Ele liberta da prisão do complexo de culpa e tira da História o senso de inevitabilidade. Nele, realiza-se o Reino de Deus, formado por pessoas livres. A fé em

Cristo libera no homem a liberdade criadora para a salvação do mundo. Aquele que se separa da missão de Deus, separa-se da salvação.

A salvação trazida por Cristo, da qual somos participantes, contém uma totalidade inteligível para esta vida dividida. Na salvação vemos uma nova vida — a revelação da verdadeira humanidade na plenitude da Divindade (Col. 2.9), que consiste em salvação de alma e corpo, do individual e do social, da humanidade e da “ardente expectativa da criação” (Rom. 8:19). O mal tanto existe na vida pessoal como nas estruturas sociais espoliadores que humilham a humanidade; portanto, a justiça de Deus se manifesta igualmente na justificação do pecador e na justiça social e política. O pecado é individual e coletivo e conseqüentemente o poder libertador de Deus modifica tanto as pessoas como as estruturas. Temos que eliminar as dicotomias de pensamento entre corpo e alma, pessoa e sociedade, humanidade e criação. Desse modo, nas lutas pela justiça econômica, libertação política e renovação cultural descobriremos elementos da libertação total do mundo através da missão de Deus. Essa libertação se realiza plenamente no momento em que se puder dizer: “onde está, ó morte, a tua vitória, onde está, ó morte, o teu aguilhão?” (1 Co 15.55). Este conceito de salvação

exige da totalidade do povo de Deus uma forma paralela de compreensão de sua participação no processo redentor.

### **Salvação e Libertação de Igrejas e Cristãos**

Muitos cristãos, por amor de Cristo, se envolvem em lutas econômicas e políticas contra a injustiça e a opressão; perguntam a si mesmos e às igrejas a respeito do significado de ser cristão, hoje em dia, e a respeito do sentido da verdadeira igreja. Não pode haver igreja salvadora sem que as igrejas sejam salvas de seu cativo em meio aos interesses das classes, raças e nações dominantes. Não pode haver igreja libertadora para a humanidade sem que as igrejas e os cristãos fiquem livres de sua cumplicidade com a injustiça e violência estruturais. Todas as igrejas e cristãos enfrentam este problema: se servem apenas a Cristo e a sua tarefa de salvação ou se simultaneamente servem aos poderes da desumanização. “Ninguém pode servir a dois senhores... não podeis servir a Deus e às riquezas” (Mt 24). Devemos reconhecer que não temos usado devidamente o nome de Cristo, uma vez que pela acomodação das igrejas aos poderes opressores, e por nossa entrega à apatia egoísta, à falta de amor e ao medo. Estamos buscando a verdadeira comunidade de Cristo,

que trabalha e sofre pelo Seu Reino. Buscamos a igreja carismática que ativa os atos de libertação e sustenta o trabalho de outros grupos libertadores, sem se preocupar com interesses próprios. Buscamos uma igreja que seja elemento catalizador do trabalho redentor de Deus no mundo e que não consista apenas num refúgio para os salvos, mas numa comunidade que serve ao mundo pelo amor em Cristo.

### Salvação em Quatro dimensões

Dentro deste conceito de salvação, encaramos essa tarefa em quatro dimensões sociais:

1. Na luta pela justiça econômica contra a exploração do povo pelo povo;

2. Na luta pela dignidade humana, contra a opressão política dos próprios homens;

3. Na luta pela solidariedade contra a alienação de pessoa para pessoa;

4. Na luta da esperança contra o desespero na vida pessoal.

Devemos entrelaçar essas quatro dimensões, no processo de salvação. Não existe justiça econômica sem liberdade política, não existe liberdade política sem justiça econômica. Não existe justiça social sem solidariedade e não há solidariedade sem esperança; não existe esperança sem justiça, dignidade e solidariedade. No entanto, existem prioridades históricas segundo as quais a salvação se antecipa primeiro numa dimensão, ou pessoal, ou política, ou econômica. Esses pontos de inserção diferem, segundo a situação na qual trabalhamos e sofremos. Deveríamos reconhecer que essas antecipações não representam a totalidade da salvação, lembrando-nos sempre das outras dimensões, à medida que continua nosso trabalho. Se esquecermos isso, estaremos ne-

gando a totalidade da salvação. Numa determinada situação ninguém pode fazer tudo ao mesmo tempo. Existem diversos dons e tarefas, mas existe apenas um espírito e um objetivo. Assim, pode dizer-se, por exemplo, que a salvação é a paz do povo do Vietnã, a independência de Angola, a justiça e reconciliação da Irlanda do Norte, a libertação do cativo do poder na comunidade do Atlântico Norte, ou a conversão pessoal, com transferência da marginalização social para a esperança, ou novos estilos de vida, lado a lado com o egoísmo organizado e a falta de amor.

### Meios e Critérios do Trabalho de Salvação

Se falarmos de salvação em termos realistas, não poderemos evitar o tema — meios adequados. Estes variam, dentro das quatro dimensões já mencionadas. Não obteremos justiça econômica sem que nela participe e atue o poder econômico. Não atingiremos a liberdade política sem que nela participe e atue discriminadamente o poder político. Não venceremos a alienação cultural sem o uso da influência cultural. Dentro deste quadro, discutimos o emprego físico da violência libertadora contra a violência opressora. A tradição cristã é ambígua, neste ponto, porque não contém justificação da violência nem rejeição do poder político. O mandamento de Jesus para que amemos nossos inimigos pressupõe a existência da inimizade. Não deveríamos tornar-nos inimigos dos inimigos de alguém, mas libertar esta pessoa de sua inimizade (Mt 5.43-48). Este mandamento nos previne contra a brutalidade da violência e o brutal desrespeito da vida. No entanto, em casos de violência institucionalizada, injustiça estrutural e imoralidade legaliza-

da, uma atitude de amor implica no direito à resistência e no dever de "reprimir a tirania" (Confissão Escocesa), com escolha responsável entre as possibilidades que se nos oferecem. Pode ser que alguém se torne culpado por causa de uma atitude de amor; podemos, porém,

confiar no perdão dessa culpa. Um trabalho realista de salvação atua através da confrontação, mas depende, em todos os lugares e sempre, da reconciliação com Deus.

(Documento do Grupo II da Conferência de Bangcoque)

## 2 - CARTA ÀS IGREJAS SOBRE A SALVAÇÃO HOJE

Vindos de todos os continentes de nosso mundo, nos encontramos em Bangcoque, para explorar as promessas e exigências do tema "Salvação Hoje". Recebemos mais do que esperávamos. O que recebemos nós o vivemos e o celebramos real e alegremente. Queremos compartilhar convosco a experiência destes dias, os quais, por dois motivos convergentes, foram muito proveitosos.

1. Esta conferência, mais do que as anteriores talvez, deu-nos uma compreensão mais profunda da palavra "ecumenismo". Todos nós pudemos expressar nossas preocupações sofrimentos e esperanças num ambiente de liberdade e confiança que decorreram da verdadeira comunhão. O diálogo foi franco, sem meios termos, e desafiante para o futuro, com particular referência ao diálogo entre pobres e ricos dentro das nações e entre elas. Lamentamos que o pequeno número de representantes ortodoxos tenha evitado uma expressão mais plena do ecumenismo.

2. Reconhecemos o poder renovador do Evangelho quando

ele é compartilhado e lido em conjunto e quando cada pessoa em grupo pode falar das exigências do Evangelho para a sua própria situação. Para que isto aconteça a identidade de cada um precisa ser respeitada. Nós compartilhamos, por palavras, em oração, cânticos e arte, de tudo o que Deus tem feito por nós, onde estamos e tais quais estamos. Este compartilhar enriqueceu-nos profundamente, a nós que viemos da África, da América, da Ásia, da Europa e do Pacífico.

Deste compartilhar resultaram três coisas:

1. Sem evitar ou desvalorizar os debates teológicos, ficou bem claro que nos reunimos ao redor da pessoa viva de Jesus Cristo, revivendo a verdade bíblica "de que nenhum outro nome há entre os homens pelo qual devamos ser salvos". Pela obra do Espírito Santo temos reconhecido juntos o poder da salvação pela sua cruz, conforme manifestado na sua ressurreição.

É por isso que vos concitamos a voltar a ele. Além das nossas confusões, até no meio dos nossos problemas mais complexos,

Deus nos oferece a sua salvação, a qual é simples e envolve tudo. Esta salvação é uma meia-volta maravilhosa no curso comum dos acontecimentos e do nosso mundo, a qual encontra expressão na verdadeira conversão de homens e mulheres a Deus.

Reconhecemos também que Deus quer libertar toda realidade humana de tudo o que a escraviza. Aceitando a fraqueza total da cruz "todo o poder lhe foi dado". Até o fim, quando ele vem demonstrar a sua vitória final, nós o vemos trabalhando vitoriosamente sempre que um homem ou mulher alcançam a liberdade verdadeira e aceitam a sua responsabilidade como pessoa — um filho de Deus.

2. Face a face com aquele que também conhecemos como nosso juiz, ficamos cientes do peso das suas exigências e da distância existente entre o que cremos e o que fazemos. Por causa da salvação que há em Jesus Cristo e que promete a todos "a gloriosa liberdade dos filhos de Deus", nós nos comprometemos mais plenamente na luta contra tudo o que hoje oprime homens e mulheres, não somente o pecado que existe neles, como também o pecado nas sociedades. Os escândalos do racismo, as injustiças sociais, a opressão econômica e política, a trágica vergonha da guerra da Indochina ou a supressão sangrenta dos movimentos de libertação, a desumanização da civilização tecnológica e a ameaça que tal desumanização faz ao futuro da humanidade — todos estes escândalos desafiam os cristãos urgentemente a expressarem em atos a salvação de Jesus Cristo.

Esta obediência necessária ao poder libertador de Cristo deve ser acompanhada por uma análise das situações onde os atos concretos serão realizados, para que haja coerência entre a fé e a vida. Os usos indevidos e abu-

sivos do poder em todas as suas formas, incluindo os compromettimentos das igrejas nesta área, devem ser francamente vistos e claramente denunciados.

A cruz de Cristo, onde o seu amor foi às últimas conseqüências, força-nos a reconhecer que freqüentemente paramos na estrada, e nos compele a recomençar a caminhada com regozijo mesmo que o caminho conduza ao sacrifício. Ele nos compele a tomar parte no testemunho falado e a entrar em diálogo com todos aqueles desta ou daquela fé, desta ou daquela convicção, que também são amadas por Deus. Apesar de diferenças, o outro jamais deve ser considerado como inimigo, mas sim como irmão ou irmã, através dos quais Deus nos quer enriquecer.

3. A experiência de Bangcoque nos obriga a continuar na busca de estruturas para uma vida comum que enriqueça nossas vidas. Está muito evidente que devemos encontrar novos meios de atender conjuntamente ao nosso chamamento comum para a missão da Igreja nos seis continentes de um mundo dividido, a fim de que todos possam assumir plena responsabilidade e obter plena identidade. Neste sentido, estamos somente no início da estrada. Notamos, porém, o desenvolvimento de algumas experiências promissoras que nos concitam a usar imaginação mais criativa para encontrarmos um relacionamento mais maduro e mais honesto. Para que esta seja uma renovação verdadeira deveremos ser levados a tomar algumas decisões difíceis. Para que a identidade plena e responsável das igrejas que tradicionalmente recebem ajuda possa ser atingida com maior rapidez, talvez seja necessária, para isto, a retirada de recursos e de pessoal estrangeiro.

É no nível local que a realidade da igreja deve ser vivida.

No mundo de hoje, com uma migração sempre crescente que desafia nossas comunidades, todas as nossas igrejas são chamadas a receber os estranhos no seu meio como irmãos e irmãs que manifestam a catolicidade da Igreja e compartilham da sua missão local. Deus colocou riquezas diante de nós que precisamos aprender a receber.

Escrevemos sob o signo de grande esperança. Na humildade a que fomos forçados pela nossa falta de poder, aprendemos novamente que "a palavra

de Deus não está presa" e que ela abre bem largas as portas da salvação.

Esta CARTA ÀS IGREJAS SOBRE SALVAÇÃO HOJE, foi aprovada unanimemente pela Terceira Assembléia da Comissão de Missão e Evangelismo Mundiais, realizada logo após a Conferência de Bangcoque.

(Ecumenical Press Service, n. 5, ano 40, 15/2/73).



## indicações

**O EVANGELHO DE LÁZARO —** Orígenes Lessa — Livraria José Olympio Editora — Rio, 1972, 88 páginas.

Orígenes Lessa, indiscutivelmente, é um dos nomes da ficção brasileira contemporânea, no conto e no romance, que não tem conhecido o divórcio muito comum entre a preferência dos leitores e o desfavor da crítica. Ao contrário, desde o seu famoso *O feijão e o sonho*, de 1938, e ainda ao longo dos seus vários livros de contos, Orígenes Lessa sempre mereceu a atenção da crítica e do público em partes iguais, e até mesmo antes daquele romance, atualmente em 15.<sup>a</sup> edição, seus contos já haviam sido generosamente acolhidos por João Ribeiro, Medeiros e Albuquerque, Menotti del

Picchia e Sud Menucci, entre outros nomes de igual valor.

Retornando agora ao exercício do romance, Orígenes Lessa acaba de publicar talvez sua obra mais ambiciosa e significativa — *O evangelho de Lázaro* — recente lançamento da Coleção Sagarana, com prefácio de Ivan Cavalcanti Proença. De um certo modo *O evangelho de Lázaro*, na obra do autor, significa um retorno aos anos da juventude (1922/1924), em que Orígenes Lessa frequentou um seminário teológico — abandonado em consequência da mesma crise espiritual que o levava até lá — refletindo o eterno debate entre o bem e o mal. Romance de caráter alegórico, denso e concentrado na sua estrutura e nos seus postulados de técnica, *O evangelho de Lázaro* vai ficar

na obra do autor, e na própria moderna ficção brasileira, como um raro exemplo da criatividade literária, inserido num complexo axiológico que o tempo não irá corromper.

Num prefácio compreensivo e justo, Ivan Cavalcante Proença, depois de algumas considerações pertinentes sobre o estilo do autor, despojado e espontâneo, mas nem por isso menos artesanal, diz com justiça e sinceridade: "Não hesito em colocar este evangelho, o de Lázaro + Orígenes Lessa, como um dos mais importantes livros escritos por gente brasileira: grandeza e dimensão, também". Se a opinião do ensaísta pode ser tachada de emocional em função do tema abordado, ou do lirismo que se difunde por todo o livro, não é menos verdade que a literatura também não vive só de técnica e virtuosismo, nem de um frio racionalismo despido de comunicabilidade.

---

**ENTERREM MEU CORAÇÃO NA CURVA DO RIO, Dee Brown — Melhoramentos. Cr\$ 26,00**

---

Todo baseado em documentos oficiais da época, este livro de Dee Brown, conta de maneira dramática a conquista do oeste americano, vista com os olhos dos próprios índios. É uma história de massacres e humilhação. Os índios foram sendo continuamente encurralados, expulsos de suas terras, perdendo toda caça que conseguiam para sobrevivência. Apesar do desejo de paz (vários acordos foram assinados) por parte dos índios, a única coisa que os brancos queriam era a dominação completa. Diante disso só restou às tribos a alternativa da guerra na qual sabiam estar em extrema inferioridade. Não havia possibilidade de vitória e depois de 25 anos de luta, o oeste foi conquistado pelos mais fortes.

E repetindo as palavras do chefe Nuvem Vermelha: "Eles nos fizeram muitas promessas, mais do que posso lembrar, mas nunca as cumpriram, menos uma: prometeram tomar nossa terra e a tomaram".

---

**CHICO E CAETANO JUNTOS — Philips — 1972**

---

O encontro de Chico e Caetano se deu nos dias 10 e 11 de novembro no Teatro Castro Alves, em Salvador. Daí foi gravado este disco (ao vivo), no qual Chico apresenta novas músicas e canta músicas de Caetano. Caetano, por sua vez, dá uma diferente e interessante interpretação de composições já conhecidas de Chico como, por exemplo, Partido Alto. Morena dos olhos d'água. O que parece mais importante, no entanto, é a possibilidade de ouvir pela primeira vez juntos, esses dois rapazes que estão entre os mais destacados da Música Popular Brasileira do momento.

---

**O CASO MATTEI — Francesco Rosi — Itália — 1972**

---

Francesco Rosi apresenta uma tentativa de tornar didático um filme político. Trata-se da luta de Mattei em favor do monopólio estatal italiano do petróleo, e sobre as pessoas de todas as tendências, que elaboraram sua própria figura pública. No caso da morte de Mattei (acidente ou assassinato), Rosi constrói um verdadeiro inquérito e enquadra o espectador em todo ritmo da pesquisa.

Publicação de Tempo e Presença  
Editora Ltda.

Registrado de acordo com a  
Lei de Imprensa

**DIRETOR-RESPONSÁVEL:**  
Domicio Pereira de Mattos

**REDATOR:**

Carlos A. C. da Cunha

**CORPO REDATORIAL:**

Rubem A. Alves

Ana Vitória de Toledo Barros

Elter Maciel

Hugo Paiva

Jether Pereira Ramalho

**IMPRESSÃO:**

Princeps Gráfica e Editora Ltda.  
Rua Teodoro da Silva, 574

Distribuído aos assinantes  
do CEI

Assinatura anual: Cr\$ 25,00  
Cheque pagável no Rio de  
Janeiro em nome de:

Tempo e Presença Editora Ltda.  
Caixa Postal, 16.082 — ZC-01  
20.000 RIO DE JANEIRO, GB

Preço do exemplar avulso:  
Cr\$ 3,00

## ÍNDICE

EDITORIAL ..... 1

### ESTUDOS

Missão da Igreja numa era  
Apocalíptica

— Rubem A. Alves ..... 2

Salvação Hoje:

Uma Declaração Pessoal

— M. M. Thomas ..... 8

A Salvação Segundo o  
Salmo 30

— Christoph Barth .... 14

### REPORTAGEM

A Salvação nos dias de hoje

— D. G. Vergara dos  
Santos ..... 21

### DOCUMENTOS

1 — Salvação e Justiça  
Social ..... 26

2 — Carta às Igrejas Sobre  
Salvação Hoje ..... 29

INDICAÇÕES ..... 31

Assine o CEI com publicações T & P



Receba o livro «Liberdade e Fé»